

Xenófanes () e o limite do conhecimento

Maria da Conceição Barros Ramos¹

conceitionbarros@gmail.com

Prof^a. Dr^a. Solange Maria Norjosa Gonzaga (UEPB)

solangenorjosa@gmail.com

Prof^a. Ms. Elizabete Amorim de Almeida Melo (UFAL)

elizabete.amorim@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho foi parte integrante do *Projeto de Extensão: Filosofia Antiga no Ensino Médio* e teve como objetivo principal mostrar para os alunos, a filosofia do pré-socrático Xenófanes de Colofão. Tendo ele posto em causa a unicidade e imutabilidade (unívoco) dos deuses por meio de sua crítica aos poetas Homero e Hesíodo sobre o antropomorfismo e também sua investigação acerca das limitações do conhecimento humano. Xenófanes era um poeta, mas que em seus poemas demonstra seu empenho em querer descobrir os mistérios sobre as divindades e o conhecimento. Há também sua explicação sobre o princípio de todas as coisas, nesse caso a terra, que segundo o filósofo, é o principio gerador de tudo que existe na esfera terrestre.

Palavras-chaves: Xenófanes, filosofia, limite do conhecimento, Divindade.

1. JUSTIFICATIVA

Segundo o historiador Apolodoro, Xenófanes nasceu em Colofão, na Jônia (atual costa ocidental da Turquia) cerca de 570-528 a. C, de onde se viu forçado a emigrar, quando ainda jovem, levando então vida errante. Passou parte de sua vida na Sicília. Foi poeta, sábio e rapsodo na Grécia Antiga. Fez-se famoso com os ataques aos poetas Hesíodo e Homero e aos pensadores Tales, Pitágoras e Epimênides (SOUZA, 1996, p 74). Mesmo sendo sua atividade principal a poesia, o conteúdo nelas expostos contém grande valor filosófico. Xenófanes tem grande importância para a filosofia pelo fato do mesmo ser severamente crítico no que

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.
Membro do Núcleo de Estudos Platônicos & Antiguidade-NEP&A.
Membro do projeto de Extensão: Filosofia Antiga no Ensino Médio.

compete a moralidade e o antropomorfismo das divindades gregas. Há também sua interpretação acerca do limite do conhecimento humano, que é sua teoria do conhecimento.

Xenófanos faz uma crítica severa a Homero e Hesíodo por eles terem atribuído características humanas aos deuses (antropomorfismo). Segundo nosso poeta filósofo, tudo que os mortais pensam acerca dos deuses são enganações mútuas. Pois, na verdade só há um “Deus acima dos outros deuses e dos homens” (frag. 170) e que suas características diferem terminantemente das dos homens. Deus segundo Xenófanos é uno e este uno está em tudo, é imutável e suprassensível. Os fragmentos 166 e 169 abordam exatamente essa questão.

Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo quanto entre os homens é vergonhoso e censurável, roubos, adultérios, e mentiras recíprocas (...) mas se os bois e os cavalos ou os leões tivessem mãos ou fossem capazes de, com elas, desenhar e produzir obras, como os homens, os cavalos desenhariam as formas dos deuses semelhantes à dos cavalos, e os bois à dos bois, e fariam os seus corpos tal como cada um deles o tem (KIRK & REVEN: 1996,172-173).

Xenófanos assevera que é reduzir as divindades ao absurdo, pois, se os animais tivessem raciocínio fariam seus deuses a sua imagem e semelhança, nesse caso, torna-se um erro, tal concepção acerca do divino. O “deus uno” de Xenófanos é imutável e consegue através do seu pensamento, alcançar tudo que lhe é externo. Assim, o que é acreditado pelo homem não passa de aparências, pois, o ser humano não consegue alcançar o conhecimento divino e por meio dos sentidos absorve as representações das abstrações do “deus uno”. Porém, o que está aí exposto não implica numa teoria cristã monoteísta, com ocorre em algumas interpretações sobre o filósofo, mas que o “deus uno” de Xenófanos está diretamente ligado a o que é unívoco, ou seja, que só pode ser interpretado de uma forma e não como faz Homero e Hesíodo que explica as divindades por meio do antropomorfismo. Os deuses são uno pelo fato de possuir apenas uma forma, sua própria forma, diferentes dos homens.

Os Etíopes dizem que seus deuses são de narizes achatados e negros, os Trácios que os seus tem os olhos claros e o cabelo ruivo (KIRK & REVEN: 1996,172).

O que faz os homens atribuírem as suas próprias qualidades aos Deuses é a representação sensível, e que a multiplicidade é apenas um efeito dado pelos sentidos, pois o ser uno é imutável e não se divide. Deus uno (uma só forma) é a mais alta abstração. Esta questão da unicidade e imutabilidade trata-se da metafísica de Xenófanos, isto é, o ser unívoco. Ele revelou que sendo a mudança algo da abstração, todas as determinações dessas mudanças como movimento, aparecer e desaparecer faz parte das representações sensíveis.

Segundo nosso poeta filósofo, a sabedoria vale mais que qualquer cuidado exagerado com o corpo. Na verdade Xenófanés faz uma crítica severa aos costumes da Grécia do seu tempo, pois era louvável possuir um corpo escultural com bastante força física, para com isso ser vitoriosos nas lutas, jogos e todas as modalidades de esporte que era um atrativo nas festividades gregas. Os vitoriosos recebiam todos os tipos de honraria. A esse respeito o pré-socrático nos diz:

Ainda que fosse com cavalos, tudo isso lhe caberia, embora não fosse digno como eu, pois mais que a força física de homens e de cavalos vale minha sabedoria. Ora, muito sem razão é esse costume, nem justo é preferir a força física à boa sabedoria. Pois nem havendo entre o povo um bom pugilista, nem havendo um bom no pentatlo, nem na luta ou pela rapidez dos pés, que mais que a força física merece honra entre as ações dos homens nos jogos, não é por isso que a cidade viveria em maior ordem. Pequeno motivo de gozo teria a cidade, se alguém, competindo, vencesse as margens do Pisa, pois isso não enche os celeiros da cidade (SOUZA, [Frag. 2] ATENEU, X, 413 F, 1996, p 77).

Logo, a moralidade e a ética de Xenófanés estão intrínsecas nos valores da sabedoria e da inteligência, sendo que os valores físicos devem ser tratados como valores secundários, sendo desta maneira, tornam-se o homem e a cidade melhores.

No entanto, ao que competem as limitações do conhecimento humano o filósofo coloca que, o que há diante dos nossos sentidos não passa de representações dos objetos da natureza e que o verdadeiro conhecimento se dá na abstração, na mente, logo, o ser humano por si não é capaz de alcançá-lo, apenas quem detém o conhecimento é o “Deus uno” e esse por sua vez não o entregou de “badeja” para os homens, mas fez com que estes o procurassem por vontade própria. “Contudo, não foi desde o início que os deuses tudo revelaram aos mortais: mas é a investigação que este com o tempo descobrem o que é melhor” (SOUZA, [Frag. 18] ESTOBEU, Eclogas, I, 8, 2.1996, p 79).

Ninguém conhece, ou jamais conhecerá, a verdade sobre os deuses e sobre tudo aquilo de que falo: pois, ainda que, por acaso, alguém dissesse toda a verdade, mesmo assim não se daria conta disso; mas a aparência está forjada sobre todas as coisas (ou a fantasia está forjada no caso de toda a humanidade) (SCHOFIELD, REVEN, KIRK, [Frag. 34] Sexto VII, 49, e 110).

É necessário que o homem tenha consciência que jamais conhecerá tudo o houve ou haverá, pois tudo são opiniões e aparências, segundo Xenófanés. Disso podemos concluir que: Deus nos criou só ele detém o conhecimento verdadeiro e que nós, seres humanos, jamais desvendaremos os mistérios que cercam a existência da ou das divindades e das coisas terrenas, apenas sentiremos as aparências da verdade das coisas, a partir daí teremos opiniões.

O saber na sua plenitude é inacessível aos mortais e é por meio do tempo e com esforço é que eles poderão fazer parte desse conhecimento, de forma limitada.

Xenófanés em sua física inseriu um pensamento diferenciado dos demais filósofos em suas cosmologias, isto é, o elemento central da cosmologia de Xenófanés é a terra que nesse caso corresponde apenas à esfera terrestre, ou melhor, aos seres terrestres e não o cosmo ao todo como é visto nas outras teorias cosmológicas dos outros filósofos da natureza. A sua primeira investigação foi sobre o elemento natural gerador de todas as coisas, nesse caso a terra, unindo-a a água para explicar o gênesis das coisas terrenas. “Terra e água são tudo quanto vem a ser e cresce” é a partir desses elementos que ele funda sua física dando-nos evidência disso como afirma Reale:

Tais afirmações, com efeito, não se referem ao cosmo inteiro, que não nasce não morre e não entra em devir, e sim a esfera da nossa terra. E Xenófanés ainda apresenta provas bastante inteligentes de suas afirmações, como a presença de fosses marinhos nas montanhas, sinal de que houve uma época em que além de terra, existiu água nesses lugares (REALE G; ANTISERI, D. 2003, p 30).

4. OBJETIVOS

Este trabalho teve como principal objetivo mostrar a importância da produção de aulas com metodologia filosófica dinâmica e prática. Mostrar também a importância de planejar, isto é, é necessário sempre o planejamento para que haja organização na hora de aplicar as aulas, caso contrário, podem ocorrer falhas que acabam desestimulando os alunos com relação à disciplina, algo que já ocorre com frequência com a filosofia. O Projeto de Extensão Filosofia Antiga no Ensino Médio tem como objetivo mostrar as maneiras de planejar aulas de qualidade, desenvolver nos alunos o interesse pelos pensamentos filosóficos, porém, esse é um dos modelos de planejamentos, a partir dele pode haver diversas formas de planejamento de aula que possam ser bem produtivas, é só usar a criatividade.

5. RECURSOS

Foi utilizado para a produção desse material, livros, papel, computador, imagens, Datashow.

6. METODOLOGIA

Na produção desta aula-artigo, foram utilizadas obras originárias de Xenófanés e doxografia que tratam sobre o filósofo, alguns textos complementares como intérpretes e principalmente leituras e debates acerca da problemática e discussão sobre como desenvolver

as aulas. Empregou-se também o contexto histórico da época de Xenófanés, para melhor analisar a questão em foco, o meio em que viveu. Foram utilizadas imagens representando o filósofo e uma imagem representando sua doutrina acerca do limite do conhecimento humano e outra mostrando, segundo o filósofo, o princípio de todas as coisas, nesse caso a terra. Os textos complementares serviram para situa-lo no tempo e no espaço e para abordar sobre o pensamento teológico e filosófico. E o fragmento filosófico para mostrar o pensamento de Xenófanés. Toda essa metodologia foi feita seguindo gradualmente o planejamento de uma aula de filosofia para o ensino médio, o modelo estabelecido pelo projeto de extensão Filosofia Antiga no Ensino Médio.

7. RESULTADOS

O Projeto de Extensão Filosofia Antiga no Ensino Médio proporciona aos graduandos em filosofia, um despertar para a docência. Sabemos que em toda área do conhecimento há problemas com relação a como lecionar, como “gastar” o tempo na sala de aula não de forma corriqueira, mas de modo que seja vantajoso para os alunos, que eles possam captar tudo ou quase tudo o que está sendo exposto pelo professor, e que a aula não seja só aquele aglomerado de conteúdos sem dinâmicas, uma verdadeira monotonia que cansa facilmente os adolescentes. No que compete ao ensino de filosofia particularmente, a situação é ainda bem mais caótica, pois a carga horária da disciplina contém uma hora aula semanalmente para cada turma do ensino médio, ou seja, não há tempo para uma boa aplicação do conhecimento filosófico. Além disso, ocorre em muitos casos que os professores que aplicam a disciplina não são graduados em filosofia, são muitas vezes de Geografia, Sociologia ou em História, algo que deixa em desvantagem o ensino da filosofia, possibilitando assim o ensino de acontecimentos da filosofia e não filosofia em si. Mas muitas vezes os próprios professores de filosofia, por falta de tempo e talvez por falta de prática, acabam por também ensinarem apenas história da filosofia. Nesse caso, a aula sobre o pré-socrático Xenófanés, utilizando vários recursos. Lembrando que não se trata apenas de “jogar conteúdo”, mas proporcionar uma aula mais dinâmica com vídeos, imagens e debates calorosos sobre a filosofia daquele pensador. Proporcionar aos alunos uma viagem em sala de aula, uma viagem no pensamento do filósofo, aflorar na alma do adolescente o amor pela sabedoria, pelo pensar, pelo conhecer.

8. AVALIAÇÃO

A avaliação dessa aula sobre o pré-socrático Xenófanés será realizada discussão acerca da metafísica, o ser uno que é deus, sobre as limitações do conhecimento humano. Atividade

escrita tratando do entendimento de cada um sobre o conteúdo em geral, a partir do que foi discutido em sala. Tal procedimento será feito em todas as aulas, ou seja, haverá debates e atividades escritas e orais.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SOUZA, José Cavalcante de. **Coleção os pensadores**. Nova Cultura LTDA. São Paulo, 1996.
- MARCONATTO, Arildo Luiz. **Xenófanes**. Disponível em: <<http://www.filosofia.com.br>>
Acesso em: 23/04/14
- SCHOFIELD, M.; REVEN J. E; KIRK, G. S.; **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Tradução Carlos Alberto Louro Fonseca. 4º ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1994. P 167-185.
- REALE G; ANTISERI, D. **Xenófanes de Colofão**. In: História da Filosofia: Filosofia Pagã antiga. Tradução de Ivo Storniolo. Vol.1. Ed. 3º. São Paulo: PAULUS. 2007. P 30-32.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Entre o Epos o Logos: Xenófanes de Colofon**. Revista HVMANITAS- Vol. LII. Coimbra. 2000.
- BURNET, John. **Xenófanes de Colofon**. In: A aurora da filosofia grega. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.